

O Mundo segundo Mahler

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música
Coro Casa da Música
Ensemble Vocal Pro Musica
Coro Infantil Casa da Música

Stefan Blunier direção musical
Natalya Boeva meio-soprano

07 jun 2024 · 21:00 Sala Suggia



casa da música



Entrevista a Stefan Blunier

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

reseo
RESEIO
RESEIO
RESEIO

REMA
REMA
REMA

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO

EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

Gustav Mahler

Sinfonia n.º 3 em Ré menor (1895/1896; c. 1h45min)

1. Kräftig. Entschieden [Poderoso. Decidido]
2. Tempo di Minuetto. Sehr mäßig [Muito moderado]
3. Comodo. Scherzando. Ohne Hast [Sem pressa]
4. Sehr langsam. Misterioso. Durchaus *ppp* [Muito lento. Misterioso. Sempre *ppp*]
5. Lustig im Tempo und keck im Ausdruck
[Num tempo divertido e com uma expressão jovial]
6. Langsam. Ruhevoll. Empfunden [Lento. Calmo. Sentido]

Textos originais e traduções nas páginas 8 e 9.

Gustav Mahler

KALISTE, 1860 – VIENA, 1911

Sinfonia n.º 3 em Ré menor

Excelentíssimo Senhor Director: para lhe transmitir a inaudita impressão que a sua sinfonia me deixou tenho de lhe falar não de músico para músico, mas sim de Homem para Homem. É que eu vi a sua alma, nua, despojada. Ela surgiu à minha frente como uma paisagem bravia, misteriosa, cheia de assustadores baixios e poços ao lado de alegres e lípidos prados ensolarados, idílicos locais de repouso. Eu vi-a como um fenómeno da Natureza, cheia de sobressaltos e desgraças, mas também com luminosos e tranquilizantes arco-íris. Senti uma luta com as ilusões; senti a dor de um desiludido. Vi o combate de forças boas e más, vi um homem cansado da extenuante luta por harmonia interior. Senti um Homem, um 'drama,' 'verdade,' 'verdade' sem nenhuma concessão!

— Arnold Schoenberg¹

Inicialmente intitulada *A gaia Ciência* e, depois, *Sonho de uma manhã de Verão*, a Terceira Sinfonia de Mahler, em Ré menor, divide-se em seis andamentos, cujos subtítulos o compositor deu a conhecer:

- I. "Pan desperta. O Verão anuncia-se"
- II. "O que as flores dos campos me contam"
- III. "O que os animais do bosque me contam"
- IV. "O que o Homem me conta"
- V. "O que os anjos contam"
- VI. "O que o Amor me conta"

Um sétimo andamento, "O que a criança me conta", viria a tornar-se não só o andamento final da Quarta Sinfonia, como o seu substrato geral, impregnando os restantes andamentos. A presença da natureza e a relação do homem com a transcendência através de uma submersão radical na natureza são elementos centrais de todas as quatro primeiras sinfonias do compositor austríaco: na Primeira encontramos a natureza primordial, habitada por um herói que acabará por morrer; na Segunda acompanhamos o processo de resgate desse herói do mundo dos mortos para uma ressurreição poderosa; na Quarta assistimos à passagem da vida terrena para a vida celestial, cheia de anjos, santos e crianças. Neste plano geral — e Mahler várias vezes se referiu a estas sinfonias como uma tetralogia inspirada nas *Canções da Trompa Mágica do Rapaz* — a Terceira Sinfonia desempenha um importante papel, definindo uma concepção estético-filosófica em patamares sucessivos do Ser, fortemente influenciada pelos escritos de Schopenhauer e de Nietzsche. Partindo da natureza inorgânica (I andamento), passando pela Flora (II), pela Fauna (III), pelo Homem (IV) e pelos Anjos (V), até alcançar o Amor (VI), desenha um percurso que corresponde à "arquitectura do mundo" de Schopenhauer. Por outro lado, o título provisório *A gaia Ciência*, bem como o *Canto da Meia-Noite* ("Ó Homem! Presta atenção!") de *Assim falou Zaratustra* musicado no quarto andamento, apontam explicitamente para a obra de Nietzsche.

Durante os anos de composição da Segunda e da Terceira Sinfonias, Mahler vivia em Hamburgo, onde era director da Ópera e (desde a morte de Hans von Bülow) dos 'concertos filarmónicos'. A dupla actividade de director artístico e de maestro era tão intensa que não tinha tempo para compor, algo que só

¹ Carta a Gustav Mahler depois de um ensaio da Terceira Sinfonia, 12-12-1904.

fazia durante as férias de Verão. Em Hamburgo, sempre que necessitava de se distanciar da música, era para a leitura que se voltava: “Livros devoro cada vez mais! Oh Deus!, que faria eu sem eles?”. Neste período, é Nietzsche o autor no qual mais intensamente mergulha, lendo-o e desejando poder ser influenciado pelas suas ideias. O Zaratustra do *Canto da Meia-Noite*, com o seu apelo ao despertar do homem, ao sair do ‘sono profundo’, que é ‘mais fundo que o dia’, com a sua ânsia pelo ‘prazer eterno’, configura para Mahler um quase alter-ego. Recorde-se que o compositor se via a si mesmo como um ser tortuoso e sofredor, cujo desejo manifesto desde a infância era o de ser “mártir”. Mas um mártir que deseja o amor, o amor físico e a sua materialização em filhos. Daí que, depois da esfera do Amor, seria o mundo das crianças que surgiria no planeado sétimo andamento da Terceira Sinfonia. Envolto, porém, numa difícil solidão afectiva, nem mesmo a paixão pela cantora dramática Anna von Mildenburg o levou a ponderar o matrimónio. A verdadeira válvula de escape desta celebrada solidão eram os Verões criativos passados na pequena aldeia de Steinbach, no Tirol austríaco, à beira do lago de Atter, para a qual se transferia durante os meses de Julho e Agosto na companhia das suas irmãs Emma e Justine, do irmão Otto e da amiga de infância Natalie Bauer-Lechner. Esporadicamente, por dois ou três dias, eram visitados por Anna von Mildenburg ou por Bruno Walter. Necessitando de tranquilidade para compor, Mahler mandou construir uma cabana junto ao lago, uma construção de desenho arquitectónico infantil, inspirada num dos poemas d’*A Trompa Mágica do Rapaz*. Levantava-se às cinco e meia da manhã, tomava um pequeno-almoço frugal e dirigia-se para a cabana, na qual cabiam um piano, uma mesa e um sofá — definindo

um território íntimo e inviolável, ao qual mais ninguém tinha acesso. Depois de trabalhar durante sete horas, regressava ao hotel para almoçar e partir para passeios a pé, de bicicleta ou de barco — podendo tomar banho e nadar longamente no lago.

A rotina das férias era, deste modo, feita por duas profundas imersões: uma no mundo da natureza, nas montanhas, lagos e caminhos do Tirol; outra na sua interioridade criativa, no mundo consciente e inconsciente dos seus sonhos e imagens sonoras inventadas e a inventar. Um dia, no Verão de 1896, caminhando com Bruno Walter à volta do lago de Atter, Mahler disse-lhe: “Estás a ver esta paisagem? Já não tens de olhar para ela — está tudo dentro da minha música!” (referindo-se à Terceira Sinfonia). Mas é a densidade sumptuosa do seu inconsciente, e da maneira generosa como este se manifesta na sua música, que afasta esta fusão música-natureza de qualquer carácter programático à maneira, por exemplo, do Richard Strauss da *Sinfonia Alpina*. Onde Strauss usa e manipula sonoridades colectivamente codificadas como representando determinados elementos e objectos da natureza, Mahler abre as comportas do seu inconsciente (entidade ainda largamente desconhecida da sociedade do seu tempo), para definir construções musicais cuja forma só muito longinquamente (e apenas por comodidade) é redutível a modelos racionais ou conscientes, como a forma sonata, rondó, lied ou scherzo. O compositor dizia que entrava na pequena cabana para “trazer a colheita para o celeiro” — mas essa “colheita” é tanto o resultado das imagens exteriores (da natureza vista, ouvida e sentida durante os passeios), como das imagens interiores que tinha dentro de si e que projectava num complexo jogo de signos multifacetados.

Algumas vezes, percorria os vinte e dois quilómetros que separam Steinbach de Bad Ischl para visitar um amigo, um outro compositor que passava os meses de Verão na tranquilidade dos bosques tiroleses. “De vez em quando gosto muito de ir ver o Velho”, escreveu a Anna von Mildenburg, em 1896. “O Velho” era Johannes Brahms, e fala dele como sendo uma “árvore bem enraizada, grande e frondosa, da qual pendem frutos maduros e doces”. A sua presença subcutânea na Terceira Sinfonia é desde logo notória no tema de abertura do primeiro andamento, que é uma citação quase literal do tema do quarto andamento da Primeira Sinfonia de Brahms. Além disso, Mahler ocupava em Hamburgo o posto de director da orquestra, que fora recusado a Brahms algumas décadas antes. Este foi também um dos primeiros músicos a admirar as qualidades de Mahler enquanto maestro (não enquanto compositor), tendo sido preponderante na sua futura nomeação para a Ópera de Viena. Nas suas conversas falava-se de música, mas mais ainda de duas cidades: da Hamburgo natal de Brahms, que a recordava e da qual gostava de ter novidades, e da Viena que Mahler alvejava e da qual queria ter conhecimento detalhado. Deste modo, num recôndito canto do Tirol, entre os bosques e as águas termais de Bad Ischl e as montanhas do lago de Atter, encontram-se dois universos: um hamburguês residente em Viena com uma carreira já feita, e um jovem vienense residente em Hamburgo com uma carreira ainda à sua frente. E se Brahms pode ser visto como o epígono de uma tradição sinfónica austro-alemã, reflectindo Beethoven, Schubert e Schumann, Mahler viria a ser um dos gérmenes importantes da “Escola de Viena”, preparando Schoenberg, Berg e Webern. Nos serões de Bad Ischl encontravam-se, assim, passado e futuro.

O primeiro andamento — “**Poderoso. Decidido**” — inicia-se com as oito trompas em *fortissimo*, entoando uma fanfarra que recorda o tema do último andamento da Primeira Sinfonia de Brahms, mas também uma canção militar alemã intitulada *Ich hab’ mich ergeben* (“Entreguei-me completamente a ti, minha pátria alemã”) — canção que Brahms tinha já incluído na *Abertura para uma Festa Académica*, op. 80. Mais do que prestar homenagem ao compositor alemão, Mahler pretende afirmar o poder do movimento, da marcha, da força construtiva que se opõe à rigidez da matéria “sem alma”, à natureza primordial. Apesar de este andamento ser em Ré menor, o primeiro tema é caracterizado por uma instabilidade tonal, oscilando entre um arcaico modo dórico sobre a nota ré e a tonalidade de Si bemol maior. Esta indefinição tonal/modal confere-lhe uma aura primeva, como se fosse originário de um tempo anterior ao tempo. O compositor pretendia representar musicalmente as “forças elementares da natureza, inanimadas e rígidas”. Entre marchas militares e uma marcha fúnebre que assinala o início do desenvolvimento, vai ainda incluir um “monólogo de proclamação”, entregue aos trombones e às trompas, construindo um andamento de grandes dimensões e complexas relações formais. Richard Strauss, que achava as obras de Mahler “sobre-instrumentadas”, comparou este andamento não à natureza, mas sim a um “imenso batalhão de trabalhadores, dirigindo-se para o Pratter, para uma festa de Maio”.

“**Tempo di Minuetto. Muito moderado**”, o segundo andamento, oferece uma visão serena e inocente da natureza campestre: “O que as flores dos campos me contam”. Escrito em Lá maior, num estilo delicado e gracioso, sugere um universo sonoro rococó, um idílio pastoril do século XVIII (minuetto) visto pelos binóculos



historicistas do Romantismo do século XIX. Como se as flores e os pastores das montanhas entrassem nos salões espelhados da cultura burguesa da Viena *fin de siècle*. Construído à maneira clássica com três secções e dois trios intercalados, esta peça floral (*Blumens-tück*) inclui momentos mais agitados, como Mahler notou numa carta a Natalie Bauer-Lechner: “Claro que não me fico pela serenidade das plantas; repentinamente tudo se põe mais sério e grave. Como se um vento tempestuoso varresse os prados e abanasse as folhas e flores das plantas, dobrando-as e quebrando-as, forçando-as a entrarem num reino mais alto”.

No livro *Mahler: Uma fisionomia musical*, Theodor W. Adorno refere-se ao tom de conto mágico das obras deste compositor, observando que tal tom é estimulado pela semelhança que estabelece entre os animais e o homem. A “Marcha Fúnebre” da Primeira Sinfonia representa um cortejo fúnebre feito por animais e o terceiro andamento da Terceira Sinfonia — **“Comodo. Scherzando”** (em Dó menor/maior) — traduz “o que os animais do bosque me contam”. Este subtítulo remete directamente para a canção *Ablösung im Sommer* (“Mudança de guarda no Verão”, 1880-83), que descreve a morte do Cúcu (Primavera) e a sua substituição pela “Senhora Rouxinol” (Verão). Num tom geral de “música dos pobres”, aproximando-se de idiomas populares, insiste numa concepção do humor influenciada por Jean Paul: descendo aos níveis mais baixos da representação revela-se a máscara trágica da existência. O seu humor negro ou carnavalesco é sempre porta de acesso aos abismos mais radicais da sua alma. Segundo Arnold Schoenberg, este andamento configura um “delírio do entretenimento”. Os dois episódios da corneta de postilhão (*post-horn*, aqui substituída pelo trompete com bocal de fliscorne) acentuam este delírio,

jogando com a associação romântica deste instrumento com o mundo da saudade e das memórias oníricas, largamente recorrente na literatura alemã do século XIX, nomeadamente em Eichendorff.

O andamento nietzscheano “Ó Homem! Presta atenção!” — **“Muito lento. Misterioso. Sempre *ppp*”** — é uma meditação sobre o destino e o sofrimento dos homens. Segundo as recordações de Natalie Bauer-Lechner, Mahler sentiu aqui a necessidade de estabelecer um novo começo da sinfonia, depois da queda crítica no mundo dos animais do andamento precedente. E recomeçar foi entendido como “um salto violento para o espírito, para a criatura mais elevada à face da Terra, para o Homem”. Mais do que uma canção, estamos perante uma obra instrumental, na qual o canto se integra, acentuando a dimensão “nocturna” que a caracteriza. Trata-se do *Canto da Meia-Noite*, o apelo de Zaratustra ao despertar do homem, ao abandono do ‘sono profundo’ em que se encontra. Sobre uma sonoridade de fundo sombria, entregue às cordas graves, surge a voz desolada (“O Mensch!”). Ouvem-se depois trombones agudos e terceiras de trompas (“Gib Acht!”) até que o oboé se impõe “como um som da natureza”. A voz, em quase-recitativo, acompanha as cores instrumentais criando uma atmosfera misteriosa e irreal, que paira sobre uma natureza momentaneamente inanimada.

“Bim bam!”, a canção dos anjos — **“Num tempo divertido e com uma expressão jovial”** —, exalta a alegria e o sonho de um universo ingénuo e inocente. O coro de crianças, acompanhado por quatro sinos, canta a canção *Es sungen drei Engel einen süßen Gesang* (1893), cujo poema original se intitula “Canção de pedintes das crianças pobres”. O coro de sopranos e contraltos, que estabelece um contraponto antifónico ao coro infantil, canta

palavras de Pedro na Bíblia. A proximidade com a Quarta Sinfonia (“A Vida Celestial”) é por demais evidente, chegando a haver citações literais de motivos e melodias inteiras. O carácter ingénuo ou infantil da expressão musical é conseguido através de meios muito simples: escalas pentatónicas, uso da tonalidade de Fá maior sem nota sensível, ausência de modulações e repetição constante de motivos. A aparente “regressão” da linguagem sonora é não só sofisticadamente organizada, como sugere a libertação de um humor intrinsecamente superior a todos os objectos e coisas.

Tal como *A Canção da Terra* e a Nona Sinfonia, também a Terceira Sinfonia se conclui com um “Adagio”, um andamento lento de grande intensidade sonora e força expressiva. Escrito em Ré maior, o “**Lento. Calmo. Sentido**” alterna secções no modo maior (cordas) com outras no modo menor (sopros e metais). Ambas se desenvolvem segundo variações autónomas, dando forma a dois “enredos” principais que culminarão num longo acorde de Ré maior, cuja duração se estende por dezassete compassos inteiros. Mahler simboliza neste andamento o atingir da mais alta esfera do Ser — o “Amor” que, para o compositor, se confunde com a ideia de Deus: “Deus só pode ser pensado como ‘o’ amor”. Tecnicamente escrito como uma melodia contínua, sem fim nem direcção aparente, antes sim girando à volta de si mesma numa crescente definição de novos espaços sonoros, este andamento representava para Mahler “um hino à força criadora do amor”. O tom geral é solene e sumptuoso, avançando por passos largos, da maior intensidade emotiva e contenção expressiva. Com uma duração semelhante à do primeiro andamento e com um tema derivado do tema inicial da sinfonia, este “Adagio” fecha um ciclo, sugerindo um díptico feito pelos andamentos extremos (primeiro e último), numa

representação musical da Natureza (o primeiro) e da Transcendência (o último). Entre eles foram inseridos episódios da vida, momentos mais ou menos burlescos da existência, etapas necessárias ao Ser para passar de um estado inorgânico ao mundo das esferas.

Numa das visitas de Mahler a Brahms em Bad Ischl, no Verão de 1896, os dois decidiram dar uma caminhada pelo bosque. Brahms admirava muitíssimo o maestro Gustav Mahler, mas não compreendia a sua música, que lhe parecia mais um grito de revolta do que “verdadeira” arte. A meio desse passeio, disse-lhe que nada de novo restava para ser composto: “Tudo foi já feito, a sua música e a de outros jovens compositores demonstra isso mesmo”. Aproximavam-se de um regato, sobre o qual passaram através de uma pequena ponte de madeira. Mahler parou e respondeu-lhe: “Mestre, acabo de ver um último clarão”. Três meses depois estreava em Berlim o segundo andamento da Terceira Sinfonia e, em Março do ano seguinte, os andamentos números três e seis. A estreia completa, com todos os seis andamentos, só se daria seis anos mais tarde, em 1902, já Brahms tinha morrido — não tendo nunca ouvido o resultado do clarão visto por Mahler nessa tarde de Verão, nas florestas do Tirol.

PAULO PEREIRA DE ASSIS, 2010*

* O autor não aplicou o Acordo Ortográfico de 1990.

Quarto andamento

(Friedrich Nietzsche: *Also sprach Zarathustra*)

O Mensch! Gib Acht!

Was spricht die tiefe Mitternacht?

“Ich schlief, ich schlief —,

aus tiefem Traum bin ich erwacht: —

Die Welt ist tief,

und tiefer als der Tag gedacht.

Tief ist ihr Weh —,

Lust — tiefer noch als Herzeleid.

Weh spricht: Vergeh!

Doch all' Lust will Ewigkeit —,

— will tiefe, tiefe Ewigkeit!”

Ó homem! Presta atenção!

O que diz a meia-noite profunda?

“Eu dormia, eu dormia —,

acordei de um sonho profundo: —

O mundo é profundo,

mais profundo do que o dia faria supor.

Profunda é a sua dor —,

o prazer — mais profundo ainda que o pesar:

A dor diz: desvanece-te!

Mas todo o prazer quer eternidade —,

— quer profunda, profunda eternidade!

Quinto Andamento

(Des Knaben Wunderhorn)

Bimm bamm, bimm bamm!

*Es sungen drei Engel einen süßen Gesang,
mit Freuden es selig in dem Himmel klang.
Sie jauchzten fröhlich auch dabei:
daß Petrus sei von Sünden frei!*

*Und als der Herr Jesus zu Tische saß,
mit seinen zwölf Jüngern das Abendmahl aß,
da sprach der Herr Jesus:*

“Was stehst du denn hier?

Wenn ich dich anseh’, so weinst du mir!”

*“Und sollt’ ich nicht weinen, du gütiger Gott?
Ich hab’ übertreten die zehn Gebot!
Ich gehe und weine ja bitterlich!
Ach komm und erbarme dich über mich!”*

*“Hast du denn übertreten die zehen Gebot,
so fall auf die Knie und bete zu Gott!
Liebe nur Gott in all Zeit!
So wirst du erlangen die himmlische Freud’.”*

*Die himmlische Freud’ ist eine selige Stadt,
die himmlische Freud’, die kein Ende mehr hat!
Die himmlische Freude war Petro bereit’t,
durch Jesum und allen zur Seligkeit.*

Bim bam, bim bam!

Três anjos cantavam uma doce canção,
que com divina alegria soava até ao céu.
E assim cantando, rejubilavam também:
que Pedro estava livre de pecados.

E quando o Senhor Jesus se sentou à mesa,
comendo a ceia com os seus doze discípulos,
falou então o Senhor Jesus:

“Que fazes tu aqui?

Quando olho para ti, começas a chorar!”

“E não houvera de chorar, ó bom Deus?
Violei os dez mandamentos!
Vagueio e choro amargamente!
Ah, vem e tem piedade de mim!”

“Se violaste os dez mandamentos,
então cai de joelhos e reza a Deus!
Ama só Deus e para sempre!
Assim alcançarás a alegria divina.”

A alegria divina é uma cidade sagrada,
essa alegria divina, que não tem fim!
A alegria divina foi concedida a Pedro
e, através de Jesus, a todos os homens.

Stefan Blunier direção musical

Stefan Blunier tornou-se maestro titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música no início de 2021. A história de sucesso desta formação continua em 2023/24 com a profícuca colaboração entre maestro e orquestra em inúmeros concertos no Porto.

Compromissos recentes levaram Blunier à Orquestra Nacional de Lille, à Filarmónica de Copenhaga, à Orquestra da Suíça Romanda, à Sinfónica de Berna, à Orquestra Estatal de Darmstadt, à Sinfónica da Ópera de Toulon e à Sinfónica de Singapura.

Na sequência do êxito de *Wozzeck* de Berg, no Grand Théâtre de Genève, em 2017, Blunier foi imediatamente convidado para uma nova produção de *O Barão Cigano*. Dirigiu depois *Lohengrin* na Ópera de Frankfurt, onde foi bem-sucedido com *Daphne*, *Tristão e Isolda*, e *Carmen*. É convidado frequente da Ópera Alemã de Berlim, onde se apresentou com *Carmen*, *Salomé* e *O Morcego*. Subiu aos pódios para *Diálogos das Carmelitas* de Poulenc na Ópera Estatal de Hamburgo, bem como para *Os Contos de Hoffmann* na Den Norske Opera (Oslo) e na Komische Oper (Berlim), e ainda para uma nova produção de *Der ferne Klang* de Schreker na Ópera Real Sueca. Regressou à Deutsche Oper am Rhein Düsseldorf/Duisburg para dirigir *Macbeth*, de Verdi. Ainda no campo operático, o maestro passou por cidades como Munique, Hamburgo, Leipzig, Estugarda, Montpellier, Oslo, Berna e Londres.

Com produções como *Der Golem* de Eugen d'Albert e *Irrelohe* de Schreker, Blunier ajudou a Orquestra Beethoven e a Ópera de Bona a conquistarem prestígio para lá da sua região, durante o período em que foi diretor geral de música da cidade, até 2016. Ambas as óperas foram editadas pela Dabringhaus & Grimm e

receberam vários prémios: ECHO 2011 (*Golem*) e 2012 (*Irrelohe*), bem como o Prémio da Crítica Discográfica Alemã 2012 (*Irrelohe*). O seu trabalho com esta orquestra incluiu uma impressionante discografia, com obras raramente apresentadas de Bruckner, Liszt e Schmidt, bem como um ciclo dedicado a Beethoven.

Como convidado, dirigiu praticamente todas as orquestras sinfónicas das rádios alemãs, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Sinfónica de Duisburg, o Frankfurt Museumskonzerte e muitas orquestras da Dinamarca, da Bélgica, do Extremo Oriente, da Suíça e de França. Entre os seus compromissos recentes, destacam-se a Sinfónica NHK, a Sinfónica Escocesa da BBC, a Sinfónica Nacional da Irlanda, a Filarmónica de Estugarda, a Sinfónica do Porto Casa da Música, a Staatsphilharmonie Rheinland-Pfalz, a Filarmónica do Sul dos Países Baixos, a Rádio Norueguesa e a Century Symphony Orchestra de Osaka. Paralelamente aos seus compromissos em Bona, foi maestro convidado principal da Orquestra Nacional da Bélgica (2010-2013).

Natural de Berna (Suíça), Stefan Blunier estudou piano, trompa, composição e direção de orquestra na sua cidade natal e na Escola Superior Folkwang, em Essen. É fundador do Ensemble für Neue Musik Essen. Depois do sucesso alcançado nos concursos de direção de Besançon e Malko, foi nomeado maestro titular associado em Mannheim, e diretor musical e maestro titular em Darmstadt (2001-2008), antes de assumir o seu mandato como diretor geral de música da Ópera e da Orquestra Beethoven de Bona (2008-2016).

Natalya Boeva meio-soprano

A meio-soprano russa Natalya Boeva, elogiada pelo seu *mezzo* arrebatante e pela sua enorme musicalidade com excelente dicção, conquistou um sucesso significativo ao vencer o prestigiado Prémio de Música Internacional ARD em Munique, em 2018. Arrecadou também o Prémio Especial para a melhor interpretação de uma obra encomendada a Stefano Gervasoni e o Prémio de Música IFP pelo desempenho extraordinário no canto.

Na temporada de 2023/24, Boeva interpreta papéis como o de Olga em *Eugene Onegin* de Tchaikovski e o da personagem principal em *Serse* de Händel, no Teatro Estatal de Augsburg. Além disso, tem concertos marcados com várias orquestras, incluindo as filarmónicas de Duisburg e de Heidelberg, e a Orquestra Sinfónica de Bamberg.

Já na temporada passada a meio-soprano teve uma agenda preenchida com concertos, entre eles as estreias com a Filarmónica de Duisburg e a Academia do Coro Jovem Audi, subindo ao palco de conceituadas salas de concerto, como a Gewandhaus de Leipzig. O seu primeiro trabalho discográfico, *My Soul Wept...*, foi lançado em março de 2023 e abarca obras de Schubert, Strauss e Szymanowski.

Natalya Boeva integra o ensemble do Teatro Estatal de Augsburg desde a temporada de 2018/19, onde desempenhou notáveis papéis: Charlotte em *Werther* de Massenet e Compositor em *Ariadne auf Naxos* de Strauss. Foi também Jackie Onassis na primeira audição europeia de *JFK* de David T. Little.

Antes de iniciar a sua carreira enquanto meio-soprano, obteve uma licenciatura em Direção Coral no Conservatório Rimski-Korsakoff, em São Petersburgo. A sua estreia em ópera aconteceu com Dorabella em *Così fan*

tutte de Mozart, na mesma instituição. Mais tarde, completou a licenciatura em Canto Lírico na Universidade EKIDA, também em São Petersburgo, e um mestrado na Academia de Teatro August Everding em Munique, sob a orientação de Christiane Iven.

O seu repertório é constituído por mais de 25 papéis de ópera e 30 partes a solo em grandes concertos, interpretados na Rússia, Itália, Alemanha e Áustria. De forma notável, gravou o papel de Dorabella múltiplas vezes, incluindo apresentações na Kammeroper de Munique e concertos em Augsburg.

Natalya Boeva recebeu o Prémio Jovem Talento da Fundação Richard Wagner de Leipzig em 2017 e, no ano seguinte, foi titular de uma bolsa de estudo da Associação Richard Wagner de Munique. O seu percurso demonstra grande versatilidade e singular capacidade vocal, sendo aclamada nos palcos internacionais, tanto no domínio operático, como em concerto.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, entre os quais Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

As residências artísticas da Casa da Música promovem colaborações com compositores de renome, como Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury, Rebecca Saunders, Enno Poppe e, já em 2024, Vasco Mendonça. A forte marca portuguesa nesta temporada assinala-se com duas estreias mundiais de Vasco Mendonça, e uma outra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner; ou a colaboração com o solista João Barradas na interpretação do *Concerto para acordeão* de Luís Tinoco; ou a nova *Sinfonia Subjetiva* de António Pinho Vargas. A Orquestra evoca ainda a melhor música nacional de várias épocas, entre elas a *História Trágico-Marítima* de Fernando Lopes-Graça, sobre poemas de Miguel Torga, e vários títulos de Emmanuel Nunes.

As temporadas recentes foram marcadas por ciclos de integrais de Mahler, Prokofieff, Brahms, Bruckner, Beethoven, Rachmaninoff e Mozart. Em 2024 apresenta a integral dos concertos para piano de Prokofieff, convidando cinco solistas portugueses: Raúl da Costa, Artur Pizarro, Rafael Kyrychenko, João Xavier e Pedro Emanuel Pereira. São retomadas obras inesquecíveis como o *Requiem Alemão* de Brahms (com as vozes de Sara Braga Simões e André Baleiro), *Um sobrevivente em Varsóvia* de Schoenberg, *a Sagração da Primavera* de Stravinski e a *Terceira Sinfonia* de Mahler (com Natalya Boeva).

A Orquestra tem pisado os mais prestigiados palcos de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2024 toca ao lado do Arditti Quartet no âmbito dos concertos Rasonanz, apresentados pelo ciclo Musica Viva da Rádio da Baviera.

A discografia recente da Orquestra inclui álbuns monográficos de Lopes-Graça (Naxos), Luca Francesconi, Unsuk Chin, Georges Aperghis, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös e Magnus Lindberg, além de inúmeros compositores portugueses, e conquistou duas distinções internacionais com o título *Follow the Songlines* e com um disco de obras de Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta à criação da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, em 1947, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989), entretanto convertida na Orquestra Clássica do Porto (1992) e na Orquestra Nacional do Porto (1997). Já com a formação sinfónica e um quadro de 94 instrumentistas, foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, assumindo a atual designação em 2010.

Coro Casa da Música

Paul Hillier maestro emérito

Pedro Teixeira maestro adjunto

Fundado em 2009, o Coro Casa da Música é constituído por uma formação regular de 18 cantores, que se alarga a formação média ou sinfónica em função dos programas apresentados. Contou com Paul Hillier como maestro titular, até 2019, e tem sido também dirigido por outros maestros prestigiados no âmbito da música coral, como Martina Batič, Simon Carrington, Nicolas Fink, Antonio Florio, Robin Gritton, Sofi Jeannin, Andrew Parrott, Marco Mencoboni, Kaspars Putniņš, Nacho Rodríguez, Gregory Rose, Nils Schweckendiek, Léo Warynski e James Wood, além do seu maestro adjunto Pedro Teixeira. As suas participações em programas corais-sinfónicos levam-no a trabalhar com os maestros Martin André, Stefan Blunier, Douglas Boyd, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Michael Sanderling, Christoph König, Peter Rundel, Vassily Sinaisky e Takuo Yuasa, destacando-se ainda os programas de música antiga com especialistas como Laurence Cummings, Paul McCreesh e Hervé Niquet.

As temporadas do Coro Casa da Música revelam um repertório abrangente que se estende dos primórdios da polifonia medieval à nova música. Apresentou em estreia mundial obras de Francesco Filidei, Michael Gordon, Gregory Rose, Manuel Hidalgo, Carlos Caires e ainda uma partitura reencontrada de Lopes-Graça. Fez estreias nacionais de obras contemporâneas de Birtwistle, Manoury, Dillon, Haas ou Rihm, e tem interpretado outras figuras-chave dos séculos XX e XXI, como Lachenmann, Schoenberg, Stockhausen, Gubaidulina, Ligeti, Distler, Kagel ou Cage.

A música portuguesa tem sido um dos focos de atenção do Coro, com programas dedicados ao período de ouro da polifonia renascentista, a Lopes-Graça ou a obras corais-sinfónicas como o *Requiem à memória de Camões* de João Domingos Bomtempo e o *Te Deum* de António Teixeira — a que se junta, em 2024, o *Libera me* de Bomtempo. O seu primeiro disco, dedicado a Fernando Lopes-Graça, será brevemente editado pela Naxos.

As colaborações com os agrupamentos instrumentais da Casa da Música têm permitido ao Coro a interpretação de obras como: *Vésperas* de Monteverdi, *Te Deum* de Charpentier, *Missa em Si menor*, *Oratória de Natal* e *Magnificat* de Bach, *Messias* de Händel, *Gloria* de Vivaldi, *As Estações* e *A Criação* de Haydn, *Requiem* e *Missa em Dó menor* de Mozart, *Gurre-Lieder* de Schoenberg, *Sinfonia Coral* e *Missa Solemnis* de Beethoven, *Requiem Alemão* de Brahms, *Requiem* de Verdi, *Missa de Santa Cecília* de Haydn, *Credo* de Arvo Pärt, *Das klagende Lied* de Mahler, *Carmina Burana* de Orff e *Elektra* de Richard Strauss.

Na temporada de 2024, o Coro estreia uma nova obra para coro e orquestra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner. Apresenta também obras de António Pinho Vargas, Sérgio Azevedo e Vasco Negreiros, num ano dedicado a Portugal que justifica regressos à música coral de Lopes-Graça e à polifonia renascentista.

As digressões do Coro Casa da Música já o levaram ao Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e ao Auditório Nacional de Madrid, ao Festival Laus Polyphoniae em Antuérpia, ao Festival Handel de Londres, ao Festival de Música Contemporânea de Huddersfield, ao Festival Tenso Days em Marselha, aos Concertos de Natal de Ourense e a várias salas portuguesas.

Ensemble Vocal Pro Musica

José Manuel Pinheiro maestro titular

O Ensemble Vocal Pro Musica é um projeto de interligação escola-comunidade, fundado em 1991 por José Manuel Pinheiro e alguns dos seus alunos. Inicialmente integraram-no elementos oriundos de vários grupos que partilhavam uma mesma direção musical. Nos seus primeiros doze anos de existência, teve como objetivos a promoção e realização de concertos corais participados, favorecendo o intercâmbio, a interajuda e a socialização entre agrupamentos com diferentes características. Realizou nesse período cerca de 80 concertos (acompanhados por pianistas, pela Orquestra do Norte ou por quintetos de metais) em diversas igrejas e salas de concerto de Portugal. Nos últimos anos, teve como base de apoio um coro que foi criado no Curso de Música Silva Monteiro para corresponder às exigências curriculares da escola.

A etapa presente do EVPM passa pela aposta numa formação coral-sinfónica com cerca de 100 elementos, essencialmente oriundos do Conservatório de Música do Porto (com o qual tem um protocolo de cooperação), do Curso de Música Silva Monteiro e de outras escolas e universidades, mas aberta a toda a comunidade do Grande Porto que gosta de cantar e que tem alguma formação musical.

Em 2006 foi criada a Associação Ensemble Vocal Pro Musica, para responder à necessidade de o EVPM ter uma figura legal.

Dinamizar a atividade coral através de espetáculos diferentes, favorecer o gosto pelo canto em grupo e, muito especialmente, promover a investigação e a inovação na área coral são objetivos que se perseguem com particular atenção neste projeto.

Coro Infantil Casa da Música

Raquel Couto maestrina titular

O Coro Infantil Casa da Música, um dos grupos residentes da instituição, estreou-se no Dia Mundial da Música de 2017, ao lado da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, do Coro Nacional de Espanha e do Coro Lira, interpretando o *War Requiem* de Benjamin Britten. Desde então, já cantou a *Missa em Si menor* de Bach, o *Stabat Mater* de Dvořák, o *Te Deum* de Berlioz e a *Carmina Burana* de Carl Orff, partilhando o palco com a Orquestra Sinfónica, a Orquestra Barroca e o Coro Casa da Música, o Coro Nacional de Espanha e o Ensemble Vocal Pro Musica. Repertórios heterogéneos, em que se incluem músicas tradicionais de diferentes países, dão forma aos seus concertos regulares em nome próprio. Entre estes destacam-se a celebração do centenário de Eugénio de Andrade, com poemas musicados por Fernando Lopes-Graça, e um programa resultante de uma residência em Portugal de Jim Papoulis, compositor norte-americano dedicado à música infanto-juvenil.

Formado por cerca de 50 crianças, o Coro Infantil Casa da Música resulta e é parte integrante de uma dinâmica iniciada em 2016/2017. Em articulação com as escolas básicas de Quatro Caminhos (Matosinhos), Lomba (Porto) e Quinta das Chãs (Vila Nova de Gaia), desenvolveu-se um processo de formação coral que chamou cerca de 350 crianças, agregou educadores e famílias, motivou as comunidades vizinhas. Deste percurso resultaram três grupos corais, um por escola, de onde saem as vozes do Coro Infantil. São, assim, quatro estruturas a evoluir numa geografia alargada, orientadas pelo Serviço Educativo. Exploração de repertórios corais, composição coletiva e incentivo ao sucesso curricular são alicerces deste projeto.

Orquestra Sinfónica

Violino I

James Dahlgren
Álvaro Pereira
Tünde Hadadi
Maria Kagan
Alan Guimarães
Vladimir Grinman
Andras Burai
Roumiana Badeva
Vadim Feldblioum
Emília Vanguelova
José Despujols
Ilanina Khmelik
Jorman Hernandez*
Maxence Mouriès*
Matilda Mensink*
Catarina Resende*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Lilit Davtyan
Tatiana Afanasieva
Pedro Rocha
Mariana Costa
José Paulo Jesus
Domingos Lopes
Karolina Andrzejczak
Catarina Martins
Nikola Vasiljev
Paul Almond
Mariana Cabral*
José Pedro Rocha*

Viola

Mateusz Stasto
Pedro Meireles
Timur Sadykov*
Luís Norberto Silva
Rute Azevedo
Jean-Loup Lecomte
Emília Alves
Biliana Chamlieva
Anna Gonera
Hazel Veitch
Rita Mendes*
Alexandre Aguiar*

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Martin Henneken*
Feodor Kolpachnikov
Michal Kiska
João Cunha
Hrant Yeranosyan
Sharon Kinder
Aaron Choi
Ana Sofia Leão*
Beatriz Figueiredo*

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Florian Pertzborn
Tiago Pinto Ribeiro
Nadia Choi
Joel Azevedo
Altino Carvalho
Slawomir Marzec
Francisco Osório*

Flauta

Paulo Barros
Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Sofia Brito*
Tamás Bartók
Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
Pedro Silva*
Gergely Suto
Samuel Marques*
João Moreira

Fagote

Gavin Hill
Cândida Nunes
Robert Glassburner
Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz
Hugo Sousa
Luís Duarte Moreira*
Hugo Carneiro
José Bernardo Silva
Renato Oliveira*
Telma Gomes*
André Gomes*
Eddy Tauber

Trompete

Ivan Crespo
Luís Granjo
José Almeida*
Rui Brito
Sérgio Pacheco

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Pedro Silva*
Nuno Martins

Tuba

Xavier Novo*

Tímpanos

Jean-François Lézé
Giovanni Nardo*

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*
Sandro Andrade*
André Castro*
Jaime Pereira*
Henrique Ramos*

Harpa

Ilaria Vivan
Ana Paula Miranda*

*instrumentistas convidados

Coro Casa da Música

Sopranos

Ana Caseiro
Ângela Alves
Eva Braga Simões
Joana Pereira
Leonor Barbosa de Melo
Rita Venda

Contraltos

Ana Calheiros
Brigida Silva
Gabriela Braga Simões
Joana Valente
Maria João Gomes
Sara Cruz

Maestro Adjunto

Pedro Teixeira

Pianista correpetidor

Filipe Cerqueira

Ensemble Vocal Pro Musica

Sopranos

Ana Freitas
Carolina Albuquerque
Clara Mancelos
Daniela Varandas
Elisa Azevedo
Isabel Catarino
Joana Costa
Leonor Albuquerque
Mariana Lopes
Marta Barbedo
Natalie Sturm
Olímpia Pinheiro
Susana Vaz Freitas

Contraltos

Bárbara Seabra
Cláudia Ferreira
Cláudia Rangel

Eduarda Coelho
Helena Nunes
Isabel Pinho
Joana Teixeira
Judith Tóth
Lara Medicis
Luísa Alvim
Mafalda Basto
Manuela Bravo
Maria Vieira
Mary Gomes
Oriana Padrón
Raquel Gonçalves
Renata Pinho
Sofia Ferreira

Coro Infantil Casa da Música

Coralistas

Adriana Moreno
Afonso Guimarães
Alice Caldeira
Ana Bernardo
Ana Rita Brenhas
António Fontelonga
Beatriz Pinto
Carolina da Silva Moreira
Carolina Guedes
Carolina Oliveira
Carolina Rocha
Carolina Rodrigues Moreira
David Ferreira
Dinis Duarte
Dinis Moreira
Elana Mendes
Erica Azevedo
Ester Duarte
Francisca Soares
Gabriel Silva
Joana Sousa
João Pedro Coelho
Kaila Morais
Lara Loureiro
Leandro Vieira
Leonor Costa
Leonor Oliveira
Leonor Silva

Leticia Altoé
Mafalda Couto
Margarida Teixeira
Maria Clara Silva
Maria Eduarda Pimentel
Maria Emília Costa
Maria Francisca Brito
Maria Miguel Ribeiro
Maria Rita Andrade
Matilde Costa
Matilde Leite
Matilde Pinheiro
Nair Bilber
Pedro Soares
Rafaela Filipe
Rafaela Sousa
Rita Silveira
Salvador Fonseca
Sarah Pressler
Suéli Fernandes
Wellington Ramos

Formadores

Raquel Couto (maestrina titular)
Joana L. Castro (técnica vocal)
Jonas Pinho (formação musical)
Dalila Teixeira (pianista acomp.)
Duarte Cardoso (pianista acomp.)

Operação Técnica

Iluminação

Virgínia Esteves

Palco

Fernando Gonçalves
Rui Brito

Próximos concertos

08 SÁBADO 21:00 SALA 2

Future Rocks

serviço educativo | os nossos concertos

08 SÁBADO 21:30 SALA SUGGIA

Buba Espinho Sexteto

promotor: Palmas ao Palco

09+23+30 DOMINGO 10:00 E 11:30 SALA DE ENSAIO 2

A Flauta Mágica do Mozart

serviço educativo | primeiras oficinas

António Miguel Teixeira e Sofia Nereida formadores

09 DOMINGO 17:30 SALA 2

Estúdio de Música Rui Massena

concerto final de ano letivo

promotor: Welcome Music

09 DOMINGO 21:00 SALA SUGGIA

Sílvia Perez Cruz — *Toda la vida, un día*

promotor: Im.par

0.5%
DO SEU
IRS
POR UMA
BOA CASA

PORQUÊ APOIAR A FUNDAÇÃO CASA DA MÚSICA?

Com programas educativos, concertos inesquecíveis e projetos comunitários, a Fundação Casa da Música promove a cultura, a educação e enriquece as vidas de milhares de pessoas.

COMO FAZER

No quadro 11 da Declaração Modelo 3, seleccione "Instituições culturais com estatuto de utilidade pública" e inscreva o NIF 507 636 295.

Caso tenha IRS Automático, no momento da confirmação da declaração assinale a caixa que indica que pretende consignar 0,5% do seu IRS e inclua o NIF da Fundação Casa da Música.

Este contributo, sem qualquer custo para si e sem afetar o seu reembolso, permite-nos chegar mais longe.

NIF 507 636 295

APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS CASA DA MÚSICA

